



GEDES

Grupo de Estudos de Defesa e
Segurança Internacional

**OBSERVATÓRIO SUL-AMERICANO
DE DEFESA E FORÇAS ARMADAS**

INFORME BRASIL Nº 06/2021

Período: 06/03/2021 - 12/03/2021

GEDES – UNESP

- 1- Analistas avaliaram contestação de Bolsonaro aos resultados eleitorais e seu risco à democracia
- 2- Periódicos comentaram presença de militares em ministérios e empresas estatais
- 3- Integrantes das Forças Armadas tentam ser excluídos da PEC que limita gastos com servidores
- 4- Hospital das Forças Armadas da capital federal está à beira do colapso
- 5- Colunista afirmou que condução da pandemia abre brechas para ingerência internacional, antiga preocupação dos militares brasileiros
- 6- Reconquista da elegibilidade de Lula repercutiu nas Forças Armadas
- 7- Em entrevista, general Paulo Chagas comentou sobre o governo Bolsonaro
- 8- Militar da ativa assumiu Secretaria Especial de Comunicação Social

1- Analistas avaliaram contestação de Bolsonaro aos resultados eleitorais e seu risco à democracia

De acordo com o periódico *Folha de S. Paulo*, a recorrente contestação das eleições brasileiras e seu método de votação pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, somada à militarização do governo e à flexibilização do acesso a armas alimentam a desconfiança sobre o risco de um golpe. A questão se intensificou após o episódio da invasão do Capitólio, nos Estados Unidos, por apoiadores do ex-presidente Donald Trump. Bolsonaro afirmou que se não houver voto impresso ou uma maneira de auditar o voto, haverá no Brasil em 2022 um “problema pior do que nos Estados Unidos”. A antropóloga e historiadora Lilia Moritz Schwarcz afirmou que a constante alusão do golpe de 1964 como um golpe democrático seria uma tentativa de criar outra narrativa. Apesar disso, a cientista política Joyce Luz afirmou que mesmo que haja um risco do alto comando das Forças Armadas apoiar um golpe, o pensamento dentro da instituição não é homogêneo em relação a uma ruptura democrática. Por sua vez, Alcides Costas Vaz, professor do Instituto de Relações Internacionais e coordenador do Grupo de Estudos em Política e Segurança Internacional (GEPSI) da Universidade de Brasília (UnB), as Forças Armadas não têm a disposição para contestar o resultado das eleições. Para a *Folha*, a cientista política Rita BIASON, professora da Universidade Estadual Paulista (Unesp), afirmou que não haveria um apoio dos militares e do setor financeiro em uma possível tomada de poder por Bolsonaro. Por sua vez, o professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) João Roberto Martins Filho

afirmou que caso os militares não apoiem Bolsonaro após uma eventual derrota, tentarão buscar espaço no governo eleito para manter as conquistas obtidas ao longo de seu mandato. (Folha de S. Paulo - Poder - 07/03/2020)

2- Periódicos comentaram presença de militares em ministérios e empresas estatais

Em editorial publicado pela *Folha de S. Paulo*, o periódico comentou sobre o aumento no número de militares em cargos políticos no governo do presidente da República, Jair Bolsonaro. Com a indicação do general Joaquim Silva e Luna para a Petrobrás, serão 92 os militares no comando de estatais brasileiras. Desconsiderando os prováveis militares que podem ser nomeados por Luna como seus auxiliares, *O Estado de S. Paulo* apontou que, após quatro membros do Conselho de Administração da Petrobrás entregarem seus cargos, o governo federal publicou uma nova lista de seis nomes para representá-lo na estatal, dos quais três são militares: além de Silva e Luna, o almirante da Marinha Eduardo Bacellar Ferreira Leal e o oficial da reserva da Marinha Ruy Flaks Schneider, que já possuíam assento no conselho da Petrobrás, mas foram reconduzidos. Segundo a *Folha*, o número de militares na gestão de estatais é dez vezes maior do que durante o governo do ex-presidente da República Michel Temer. Além disso, a *Folha* destacou que caso Luna assuma a Petrobras, exercerá influência sobre 50 estatais, levando em consideração suas subsidiárias. Portanto, cerca de 61% das empresas direta ou indiretamente ligadas à União poderão ser influenciadas por militares. Foi apurado que, em julho de 2020, 6.157 militares ocupavam funções governamentais, número superior ao dobro do registrado em 2016, o que, para o jornal, evidenciou que Bolsonaro "promove aparelhamento militar do Estado". De acordo com a *Folha*, especialistas afirmam que a presença de militares no governo é atípica e que possivelmente seja o Brasil uma das únicas democracias no mundo que possui tamanha presença de militares. Por outro lado, o avanço de militares nas estatais surpreendeu inclusive os aliados civis de Bolsonaro; contudo, o presidente teria apresentado a justificativa de que os militares são gestores focados e tecnicamente competentes, avessos à corrupção. O historiador Carlos Fico argumentou que não existem benefícios na presença de militares em empresas estatais, levando em consideração a falta de experiência na administração de empresas e na inapetência para o diálogo. Neste sentido, Fico afirmou que o general da ativa Eduardo Pazuello, ministro da Saúde, é um exemplo de que a militarização não é sinônimo de eficiência. Por fim, a *Folha* apontou que o papel constitucional das Forças Armadas é a defesa nacional, de modo que "não foram concebidas para capacitar gestores eficientes de políticas, empresas e órgãos públicos". (Correio Braziliense - Política - 09/03/21; Folha de S. Paulo - Mercado - 07/03/2020; Folha de S. Paulo - Editoriais - 08/03/21; Folha de S. Paulo - Poder - 09/03/21; O Estado de S. Paulo - Negócios - 09/03/21)

3- Integrantes das Forças Armadas tentam ser excluídos da PEC que limita gastos com servidores

Em coluna ao *Correio Braziliense*, a jornalista Denise Rothenburg destacou que integrantes das Forças Armadas e de segurança estão se mobilizando junto à Câmara dos Deputados para serem excluídos do texto da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) que prevê a suspensão de reajustes, benefícios e vantagens de servidores públicos. Rothenberg pontuou que o presidente da

Câmara dos Deputados, Arthur Lira, não tem intenção de atendê-los, temendo que outras categorias tenham a mesma iniciativa. (Correio Braziliense - Política - 09/03/21)

4- Hospital das Forças Armadas da capital federal está à beira do colapso

Em coluna ao *Correio Braziliense*, o jornalista Vicente Nunes comentou sobre a superlotação do Hospital das Forças Armadas (HFA) do Distrito Federal, que atingiu 90% da capacidade dos leitos da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) com o aumento significativo dos casos de Covid-19. Conforme nota do Ministério da Defesa, em cumprimento à legislação que determina que cadáveres com doenças infecciosas fiquem isolados, o hospital dispõe desde setembro de 2020 de um contêiner para abrigar os corpos, que agora se tornou indispensável já que o necrotério local não possui capacidade para a atual situação e necessita de ampliação. Segundo o colunista, os profissionais do hospital relatam nunca terem visto nada parecido desde o início da pandemia e que o HFA está à beira do colapso, havendo previsão de aquisição de mais contêineres. Ademais, o jornalista destacou que mesmo militares apoiadores “mais incondicionais” do presidente da República estão assustados com o quadro e que a situação pode provocar “abalo no Palácio do Planalto”. (Correio Braziliense - Cidades - 09/03/21)

5- Colunista afirmou que condução da pandemia abre brechas para ingerência internacional, antiga preocupação dos militares brasileiros

Em coluna à *Folha de S. Paulo*, o jornalista Igor Gielow analisou de que forma a “condução desastrosa da pandemia” pode se converter em um problema de “internacionalização” do Brasil. O jornalista retomou o histórico temor dos militares brasileiros de que uma possível ingerência internacional acontecesse no país em relação à Amazônia, um dos seus principais motivos de preocupação estratégica, e mencionou que isto pode acontecer, na verdade, em função da incapacidade de controlar o avanço da Covid-19. Para Gielow, o “Sars-CoV-2 é a nova Amazônia” e, diante de 2.000 mortes diárias em solo brasileiro, o argumento da soberania “perde eficácia”. O jornalista destacou que o incômodo tem sido frequente em conversas militares, sobretudo sobre os oficiais do Exército que aderiram aos comandos do governo. Para o jornalista, “numa ironia histórica”, o atual cenário brasileiro demonstra uma “intervenção estrangeira convidada por um governo coalhado de militares que sempre bateram no peito contra essa possibilidade”. (Folha de S. Paulo - Poder - 09/03/21)

6- Reconquista da elegibilidade de Lula repercutiu nas Forças Armadas

Em coluna para o periódico *O Estado de S. Paulo*, a jornalista Eliane Cantanhêde comentou a anulação de condenações e reconquista do direito político do ex-presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva em decisão do ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Edson Fachin. Cantanhêde rememorou o tuíte de 2018 do general Eduardo Villas-Bôas em tom de ameaça ao STF com relação ao julgamento do *habeas corpus* de Lula. Para a colunista, se à época a intenção era manter Lula afastado do pleito, hoje, militares e o governo comemoram um cenário em que o ex-presidente seja o principal adversário de Jair Bolsonaro, pois Lula desviaria o foco no momento mais grave da pandemia. Para o colunista Igor Gielow, do periódico *Folha de S. Paulo*, o “trauma do tuíte” de Villas-Bôas impôs silêncio nas Forças Armadas, pois a repercussão fez com que o atual

comandante do Exército, general Edson Pujol, e o ministro da Defesa, general Fernando Azevedo e Silva, determinassem que as Forças Armadas não se manifestem em relação a Lula: “Com tantos fios desencapados na praça, até que se prove em contrário os fardados evitarão ao máximo novos curtos-circuitos, ao menos em público”. O ex-ministro da Secretaria de Governo da Presidência do Brasil, general Carlos Alberto dos Santos Cruz, disse ao *Estado* que, embora a decisão de Fachin chame a atenção, as Forças não podem se precipitar: “Tenho absoluta certeza de que o Exército não tem nada a ver com isso. É preciso ter equilíbrio, uma posição racional”. De acordo com a *Folha*, uma fala de Lula no discurso de 10/03/21 sobre Villas Bôas e a questão do tuíte de 2018 foi reprovada por oficiais tanto da ativa quanto da reserva. Na visão dos militares, Villas Bôas estaria incapacitado de rebater as acusações do ex-presidente, uma vez que sofre de uma doença degenerativa, que lhe tirou o movimento e a voz. Segundo um almirante ouvido pela *Folha*, o ataque feito ao general só reforçou a aversão que as Forças Armadas nutrem em relação a Lula e ao Partido dos Trabalhadores (PT). De acordo com um coronel da Força Aérea, haverá obstáculos para o diálogo entre as Forças Armadas e o ex-presidente, em um cenário de vitória eleitoral de Lula. Por fim, no mesmo discurso, Lula ressaltou que política é assunto de civis, e não de fardados. (Folha de S. Paulo - Poder - 10/03/21; Folha de S. Paulo - Poder - 11/03/21; O Estado de S. Paulo - Política - 09/03/21; O Estado de S. Paulo - Política - 10/03/21)

7- Em entrevista, general Paulo Chagas comentou sobre o governo Bolsonaro
O periódico *O Estado de S. Paulo* entrevistou o general da reserva Paulo Chagas, ex-aliado do presidente da República, Jair Bolsonaro. Crítico do atual governo, Chagas declarou que Bolsonaro deveria “baixar a bola” e colocar-se em seu lugar. O general acredita que o negacionismo do presidente no combate à pandemia “agravou a situação” sanitária. Ao ser questionado do porquê hoje tem uma postura mais crítica em comparação ao período da campanha eleitoral, Chagas declarou que acreditava que a imagem de Bolsonaro mudaria se eleito presidente, mas que isso não ocorreu. Apontou que o presidente é “narcisista” e “deslumbrado com o poder” e com a popularidade que alcançou. Quando perguntado sobre a possibilidade de *impeachment*, se posicionou inicialmente contrário, alegando que “pararia o país”; no entanto, “dependendo do rumo que as coisas tomarem” poderia ser uma solução. Sobre a gestão da pandemia, Chagas disse que Bolsonaro deveria ter assumido o controle desde o início, mas optou por minimizar a situação, como quando chamou de “gripezinha”, e que hoje, embora esboce algumas tentativas de controle, sua impressão é de que já é tarde para tal, sendo necessário “uma dose muito grande de humildade” por parte do presidente para admitir o erro. O general confirmou a existência de um desconforto entre os militares com o fato de que o general Eduardo Pazuello tenha permanecido como ministro da Saúde estando na ativa, principalmente por estar em “final de carreira” e último posto, porque isto se trata de uma tentativa de Bolsonaro de associar as Forças Armadas ao seu governo como um apoio institucional, mas que, como instituição, as Forças Armadas “fazem o que está na Constituição”. Por fim, declarou que a tentativa de Bolsonaro de relacionar seu governo com as Forças Armadas traz um desgaste à imagem da instituição na sociedade e concluiu: “Nós não temos nada a ver com isso”. (O Estado de S. Paulo - Política - 09/03/21)

8- Militar da ativa assumiu Secretaria Especial de Comunicação Social

De acordo com o periódico *Folha de S. Paulo*, o presidente da República, Jair Bolsonaro, demitiu Fabio Wajngarten da Secretaria Especial de Comunicação Social (Secom) e nomeou interinamente o almirante Flávio Rocha, atual chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE). Ao assumir a Secom, o almirante da ativa acumulou os dois cargos. Segundo a *Folha*, a secretaria continuará subordinada ao Ministério das Comunicações, comandado por Fábio Faria. Pessoas próximas a Bolsonaro afirmaram que Faria foi o responsável por articular a ida de Rocha para a Secom e, por isso, a troca “não significa uma militarização da comunicação do governo”. (Folha de S. Paulo - Poder - 14/03/21)

SITES DE REFERÊNCIA

Correio Braziliense – www.correioweb.com.br

Folha de S. Paulo – www.folhaonline.com.br

O Estado de S. Paulo – www.estadao.com.br

*Informamos que as colunas opinativas da Folha de S. Paulo e o conteúdo na íntegra do Correio Braziliense e O Estado de S. Paulo não são disponíveis gratuitamente na versão online. No entanto, aqueles que tiverem interesse em receber as notícias destes jornais utilizadas na produção do Informe Brasil, podem solicitá-las a gedes@franca.unesp.br

Equipe:

Davi Campos Matos (Redator, graduando em Relações Internacionais); Gislaine Amaral Silva (Redatora, graduanda em Relações Internacionais); Guilherme Evaristo Rodrigues Macieira (Redator, graduando em Relações Internacionais); Heed Mariano Silva Pereira (Supervisora, graduada em Relações Internacionais); Henrique Muniz Fernandes (Redator, graduando em Relações Internacionais); Jonas de Paula Vieira (Redator, graduando em Relações Internacionais); Juliana de Paula Bigatão (Supervisora, doutora em Relações Internacionais); Laura Meneghim Donadelli (Supervisora, doutoranda em Relações Internacionais, bolsista CAPES); Lisa Barbosa (mestranda em Relações Internacionais); Leonardo Pontes Vinhó (Redator, graduando em Relações Internacionais); Lucas Rizzati Iquegami (Redator, graduando em Relações Internacionais).